



MONOTONGAÇÃO DO DITONGO [EJ] NA ESCRITA DE ESTUDANTES EM FASE DE ALFABETIZAÇÃO

Cíntia de Moura Pinto¹
cintiademourap@feevale.br

Damodara Ferrer²
damodara.f@feevale.br

Juliana Marschal Ramos³
julianaramos@feevale.br

Rosemari Lorenz Martins⁴
rosel@feevale.br

RESUMO: Os primeiros estudos na área da sociolinguística foram realizados por William Labov (1972), que passou a analisar a relação entre a língua e a sociedade. Esses estudos têm contribuído para o aprimoramento das aulas, tanto de língua materna quanto de língua estrangeira, analisando as variações linguísticas na fala e na escrita. Este trabalho tem como objetivo analisar a ocorrência de monotongação, processo em que ocorre o apagamento da semivogal em ditongos crescentes e decrescentes, tanto na fala quanto na escrita. Neste caso, investigamos a ocorrência de monotongação do ditongo fechado [ej], como em “peixe”, na escrita de 48 alunos dos primeiros anos do ensino fundamental. A coleta de dados foi realizada em duas escolas públicas, uma na cidade de Novo Hamburgo/RS e a outra de Estância Velha/RS. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas nas quais as acadêmicas apresentavam substantivos representados por imagens. Dessa maneira, eles deveriam produzir frases utilizando as palavras em questão. Os dados foram sistematizados no Goldvarb X e analisados à luz das teorias de Labov (1972), Hora e Aquino (2006) e Hora e Henrique (2013). Observamos que a escolaridade e o contexto fonológico posterior são fatores relevantes para a ocorrência dessa redução.

PALAVRAS-CHAVE: Monotongação; Sociolinguística; Ditongo.

ABSTRACT: The first studies in the field of sociolinguistics were performed by William Labov (1972), which have examined the relationship between language and society. These studies have contributed for the improvement in classes, thus of mother tongue as a foreign language, analyzing the linguistic variations in speaking and writing abilities. This work aims to analyze the occurrence of monophthongization, process where the suppression of glide in increasing and decreasing diphthongs, both in speech and in writing. In this case, we have investigated the occurrence of monophthongization of

¹ Graduada em Letras Português e Inglês pela Universidade Feevale. Atua como pesquisadora de Aperfeiçoamento Científico na própria Universidade.

² Graduanda em Letras Português e Inglês pela Universidade Feevale. Atua como bolsista pelo Programa de Bolsas de Iniciação Científica CNPq.

³ Graduanda em Letras Português e Inglês pela Universidade Feevale. É bolsista de Iniciação Científica na própria Universidade.

⁴ Doutora em Letras, na área de Linguística, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, mestra em Ciências da Comunicação, especialista em Linguística do Texto e Graduada em Letras Português-Alemão pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.



the closed diphthong [ej] such as in "peixe" in the writing of 48 students of the first years of Elementary School. Data collection was conducted in two public schools, in Novo Hamburgo/RS and Estancia Velha/RS. Data were obtained through interviews that the academics have shown, to the students, nouns represented by images. Thus, they should produce sentences using the nouns. The data were codified in Goldvarb X and analyzed from the perspective of Labov (1972), Hora & Aquino (2006) and Hora & Henrique's (2013) theories. We have watched that schooling and later phonological context are relevant factors for the occurrence of monophthongization reducing.

KEYWORDS: Monophthongization; Sociolinguistics; Diphthong.

Introdução

A língua se dá por meio de um sistema de comunicação oral, sendo ato intrínseco do ser humano que pode variar em suas formas na comunidade de fala, tendo em vista a situação natural de uso nas práticas sociais de interação. De acordo com Monteiro (2000, p. 19) “Cada língua existe, pois, em função das necessidades sociais de designar ou nomear a realidade”.

As primeiras contribuições para o ensino de língua materna partindo da visão da sociolinguística surgiram a partir de estudos do americano William Labov (1972), sociolinguista que passou a estudar a relação entre língua e sociedade. Ele aborda em seus estudos que a língua é heterogênea, como explica Monteiro:

Contra esta posição homogeneizadora insurgiu-se a sociolinguística, tentando provar a premissa oposta, ou seja, a de que a variação é essencial à própria natureza da linguagem humana e, sendo assim, dado o tipo de atividade que é a comunicação lingüística, seria a ausência de variação no sistema o que necessitaria ser explicado. (2000, p. 56)

Em primeira instância, é preciso compreender que o aluno deve se tornar um falante ativo da língua, não decorando regras e sem a preocupação com aquilo que é considerado “certo” ou “errado” dentro dos padrões estabelecidos pela norma culta da língua. Para isso, segundo os estudos feitos por Silva (2013, p. 186), “o professor da língua materna precisa possibilitar o ensino da norma socialmente privilegiada, sem

estigmatizar ou negar quaisquer usos que as crianças tragam consigo”. Desse modo, ao promover o ensino e o uso do dialeto culto, o aluno terá acesso à cultura do grupo ou sociedade a que ele pertence.

A inclusão dos estudos da sociolinguística e sobre a aquisição da língua materna são essenciais na alfabetização e na aquisição da língua materna para que aspectos pouco observados sejam considerados, como a atenção quanto à faixa etária, aspecto socioeconômico, sexo, entre outros. Assim, a variação linguística presente na sala de aula será mais bem aceita, sendo que a forma escrita não corresponde aos diferentes dialetos encontrados.

Das relações entre fala e escrita, observa-se que a fala surge naturalmente das interações sociais desde o nascimento, e a escrita é desenvolvida em âmbitos formais, como na escola, por exemplo, sendo desenvolvida em diferentes meios de interação com os mais variados objetivos, o que faz com que, segundo os estudos de Marcuschi (2001, pg. 19) “surjam diferentes gêneros textuais e formas comunicativas, bem como terminologias e expressões típicas”. Na figura 1, é possível observar as dicotomias existentes na fala e na escrita:

Figura 1: Dicotomias estritas

Dicotomias estritas.

fala	<i>versus</i>	escrita
contextualizada		descontextualizada
dependente		autônoma
implícita		explícita
redundante		condensada
não-planejada		planejada
imprecisa		precisa
não-normatizada		normatizada
fragmentária		completa

Fonte: MARCUSCHI, 2001, p. 27.



Contudo, é necessário salientar que não existem distinções quanto aos conhecimentos tanto pelo uso da língua na modalidade oral quanto na escrita, como afirma Marcuschi:

Assim, fala e escrita não são dois modos qualitativamente diversos de conhecer ou dar a conhecer. A escrita não acrescenta massa cinzenta ao indivíduo que a domina bem como o não-domínio da escrita não é evidência de menor competência cognitiva. (2001, p. 47)

O objetivo deste estudo é verificar se a redução da semivogal no ditongo decrescente [ej] ocorre na escrita de estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental em processo de alfabetização. Segundo estudos realizados por Hora (2013), concluiu-se que a monotongação é mais frequente na escrita de alunos de escolas da rede pública de ensino do que nos de escolas da rede privada. Também, observa-se menor recorrência na monotongação de alunos do sexo feminino em comparação com alunos do sexo masculino.

Esta pesquisa está dividida em 3 partes. Na primeira, serão abordados alguns conceitos, tais como os encontros vocálicos do português brasileiro, ditongos e em que consiste o processo de monotongação. Na segunda, a metodologia utilizada, tal como a variável linguística que foi objeto de estudo, as variáveis sociais que nortearam o estudo e o processo de pesquisa. Na terceira parte, os resultados obtidos a partir da coleta de dados que serão apresentados e discutidos sob a ótica das teorias de Labov (1972), Bisol (2001) e Hora (2006, 2012).

1. Encontros vocálicos do português brasileiro

As vogais são segmentos produzidos sem a obstrução da passagem de ar pelas cordas vocais, e as consoantes possuem a obstrução de ar quando articuladas. Outro aspecto que diferem as vogais das consoantes é o fato de que elas constituem o núcleo

de uma sílaba e que podem receber acento de tom e de intensidade. O sistema vocálico do português brasileiro é composto por sete fonemas, conforme a figura 2, que são percebidas em sílaba tônica, como explica Callou e Leite (2001, p. 79) “contexto em que há maior estabilidade articulatória”.

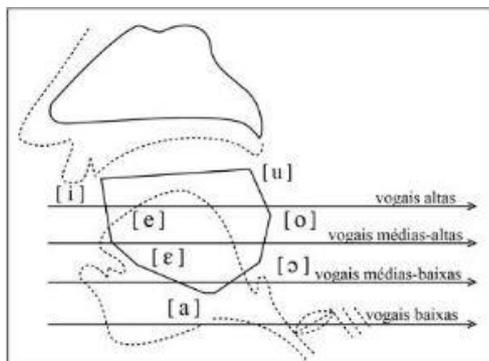
Figura 2: Sistema vocálico da língua portuguesa e sua classificação

Altura da língua		Anterioridade/Posterioridade da Língua				
		Anterior		Central	Posterior	
		Arredondada	Não arredondada		Arredondada	Não arredondada
Pré-tônica	Alta	i ĩ			ũ u	
	Média-alta	e ĕ			õ o	
	Média-baixa	e ^l			o ^l	
	Baixa	a ² ɐ̃				
Tônica	Alta	i ĩ			ũ u	
	Média-alta	e ĕ			õ o	
	Média-baixa	e			o	
	Baixa	a ² ɐ̃				
Pós-tônica	Alta	i			u	
	Média-alta	e ³ ĕ			õ o ³	
	Média-baixa					
	Baixa	e ɐ̃				

Fonte: SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 64.

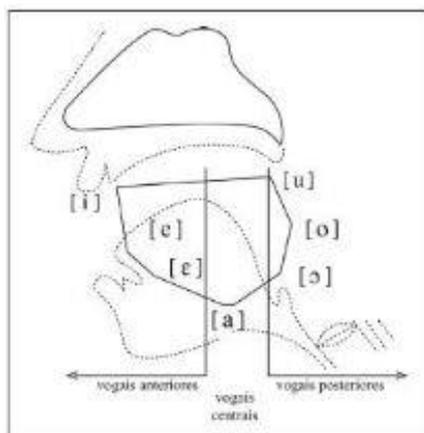
De acordo com Callou e Leite (2001, p. 26-27), as formas de classificação das vogais são pela altura da língua, arredondamento dos lábios e posição horizontal da língua. Pela altura da língua, elas podem ser classificadas como *altas*, *médias* e *baixas* (Figura 3). Pela posição da língua, podem ser *anteriores*, *centrais* e *posteriores* (Figura 4). Por último, as vogais podem ser *arredondadas* ou *não-arredondadas*, de acordo com a protrusão labial (Figura 5).

Figura 3: Classificação das vogais pela altura da língua



Fonte: SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 50.

Figura 4: Classificação das vogais pela posição da língua



Fonte: SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 52.

Figura 5: Classificação das vogais pela protrusão labial

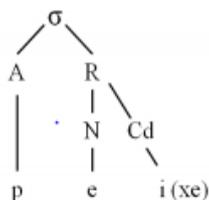
Altura da língua	Lábios distendidos	Lábios arredondados
Alta	[i] 	[u] 
Média-alta	[e] 	[o] 
Média-baixa	[ɛ] 	[ɔ] 
Baixa	[a] 	[ɐ] 

Fonte: SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 63.

1.1 Monotongação

Para definir monotongação, processo que norteia esta pesquisa, será explicado como se dá o processo de formação silábica e em que consiste o ditongo. A sílaba é formada pelo ataque e pela rima. A parte final pode ligar-se ao núcleo e à coda. No caso dos ditongos, tem-se a vogal no núcleo e a glide (semivogal) na coda. Na imagem abaixo, observa-se a representação da formação da sílaba.

Figura 6: Distribuição silábica da palavra “peixe”



Fonte: HENRIQUE e HORA, 2013, p. 113.

Segundo o Acordo Ortográfico do português brasileiro, a ditongação constitui-se da união de uma vogal mais uma semivogal em uma mesma sílaba. Na língua portuguesa, são consideradas semivogais (glides) o *i* e o *u*, representados fonologicamente como /y/ e /w/. Há dois tipos de ditongos: os crescentes, formados por uma semivogal seguida de vogal, como em *farmác[ja]*, e os decrescentes, decorrentes da combinação de uma vogal e semivogal, como observa-se em *c[aj]xa*. Na figura 7, de acordo com Seara; Nunes; Lazzaratto-Volcão (2015), têm-se a lista dos ditongos da língua portuguesa.

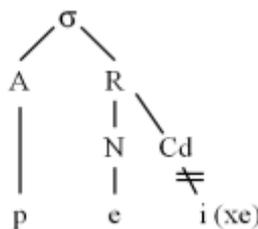
Figura 7: Ditongos da língua portuguesa

Decrescente				Crescentes			
Orais		Nasais		Orais		Nasais	
[aj]	gaita	[ɛw]	mão	[jw]	farmácia	[wɛ]	quando
[ej]	leite	[ɛj]	mãe	[jɛ]	série	[wɪ]	pinguim
[ej]	ideja	[ɛj]	tem	[jɔ]	biópsia		
[oj]	oito	[õj]	põe	[jɔ]	biologia		
[oj]	joia	[õj]	muito	[jɔ]	armário		
[uj]	circuito			[wa]	quase		
[aw]	aula			[wɪ]	tênuê		
[ew]	deu						
[ew]	papel						
[ɪw]	abriu						
[ow]	robuo						
[uw]	sul						
[ɔw]	lençol						

Fonte: SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 67.

O processo de monotongação se dá com a diminuição de um ditongo para uma vogal simples tanto na fala quanto na escrita. Conforme Seara; Nunes; Lazzarotto-Volcão (2015), os ditongos [ej] e [oj] se monotongam quando seguidos de fricativas e do tepe. Na figura 8 abaixo, é representada a distribuição silábica quando ocorre a monotongação.

Figura 8: Monotongação do ditongo [ej] na palavra “peixe”



Fonte: HENRIQUE e HORA, 2013, p. 114.

É o que ocorre quando p[ej]xe” é transcrito como “p[e]xe”, o apagamento do glide nos ditongos consiste em uma variável linguística, ou seja, conforme os conceitos citados por Martelotta (2008), a variação é um processo que ilustra o caráter adaptativo da língua.



2. Variação linguística

A variação linguística aborda a relação das estruturas da língua em uso na sociedade, de modo que exemplifica a capacidade de adaptação da língua em uma alteração que não causa mudanças no significado das palavras. Segundo Mussalim (2012, p. 54) “dois falantes de uma mesma língua ou variedade dialetal dificilmente se expressam de modo idêntico”.

Em síntese, consoante Mussalim (2011, p. 62) “a variação se apresenta como uma ou mais formas de se dizer a mesma coisa no mesmo contexto”, ela se dá de diferentes formas podendo alternar-se entre a forma padrão ou não de uso dependendo das diferentes situações de interação comunicativa.

3. Metodologia

De acordo com Marconi e Lakatos (2012, p. 43), a pesquisa é “um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui do caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”. Para isso, é necessário que seja feito um levantamento de dados de variadas fontes. A pesquisa apresentada neste trabalho é classificada como quantitativa-descritiva, que segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 170) “consistem em investigações de pesquisa empírica cuja principal finalidade é o delineamento ou análise das características de fatos ou fenômenos, a avaliação de programas ou o isolamento de variáveis principais ou chave”.

Abaixo, serão apresentados alguns dados em relação aos sujeitos que participaram da pesquisa, a elaboração do instrumento e as variáveis.

3.1. Informantes

A coleta de dados foi realizada com 48 informantes, alunos dos 2º, 3º e 4º anos do ensino fundamental, de duas escolas públicas, uma na cidade de Novo Hamburgo/RS e a outra de Estância Velha/RS, conforme o quadro 1. Desse total de participantes, 24 eram meninas e 24 eram meninos.

Quadro 1: Variáveis sociais

Sexo	Masculino	23 informantes
	Feminino	25 informantes
Escolarização	2º ano	16 informantes
	3º ano	16 informantes
	4º ano	16 informantes
Cidade	Novo Hamburgo	24 informantes
	Estância Velha	24 informantes

Fonte: Elaborado pelas autoras.

3.2. Instrumento

O instrumento foi elaborado a partir da seleção de palavras com ditongo [ej] fechado, dissílabas, trissílabas e com contexto fonológico posterior de vogais e consoantes. As palavras escolhidas foram “teia”, “meia”, “ceia”, “feijão”, “peixe”, “queijo”, “cadeia”, “sereia”, “baleia”, “cadeira”, “chaleira” e “torneira”. O quadro com as classificações detalhadas encontra-se ao final deste artigo no Apêndice A.



Foram escolhidos apenas substantivos, para que estes pudessem ser representados por meio de imagens. Os 48 sujeitos participantes da pesquisa deveriam formar frases utilizando as palavras que eram representadas por imagens nos cartões.

3.3. Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada no mês de junho de 2016, com entrevistas nas quais os alunos recebiam imagens e deveriam escrever frases com elas. Eles foram chamados em grupos de oito estudantes, quatro meninos e quatro meninas de cada série e todos foram dispostos de maneira que não pudessem acessar qualquer material ou consultar algum colega.

A presença do entrevistador interfere no desempenho do entrevistado, consoante Tarallo:

Seja qual for a natureza da situação de comunicação, seja qual for o tópico central da conversa, seja quem for o informante, o pesquisador deverá tentar neutralizar a força exercida pela presença pelo gravador e por sua própria presença como elemento estranho à comunidade. (2007, p. 21)

A neutralidade no momento das entrevistas pode ser conquistada a partir da postura do entrevistador, em que este deverá apresentar-se da maneira mais isenta possível. Segundo Tarallo (2007), a palavra “língua” tem de ser evitada de todo modo, para que não haja interferência nos dados produzidos pelo entrevistado.

Para a realização da coleta de dados, as pesquisadoras mostraram a imagem e reproduziram cada palavra em voz alta para os alunos, mesmo que ocorresse a monotongação na fala, eles deveriam ser capazes de perceber que na forma escrita há que se escrever a semivogal. De acordo com Monteiro (2000, p. 71) “o ambiente e a



ocasião em que a linguagem é usada, conforme já vimos, também acarretarão algumas consequências”.

3.4. Variáveis

As variáveis observadas foram: palavras que possuem ditongo [ej] fechado e o número de sílabas, sendo elas dissílabas e trissílabas. O contexto fonológico posterior, que se refere ao contexto seguinte ao ditongo, também foi outra variável linguística selecionada. Neste trabalho, o contexto posterior foi separado por: vogal, como em *sereia*, e consoantes, como em *cadeira* (tepe), *peixe* (fricativa palatal surda) e *feijão* (fricativa palatal sonora). Além disso, foram considerados o sexo e a escolaridade dos estudantes, e as cidades das escolas. (APÊNDICE B)

4. Apresentação e discussão dos dados

Nesta seção serão apresentados os resultados obtidos com base na coleta de dados realizada, com o intuito de averiguar a ocorrência da monotongação na língua escrita e em qual fase do ciclo de alfabetização escolar ela ocorre com mais frequência. Durante a primeira coleta de dados, a palavra “ceia” foi excluída da lista, pois os alunos tiveram dificuldade em formular frases utilizando-a. A codificação dos dados obtidos foi realizada no sistema de estatísticas Goldvarb X. A relação dos resultados será apresentada de modo mais detalhado ao final do artigo no Apêndice C.

As variáveis sexo e cidade não foram consideradas relevantes pelo programa. Os resultados obtidos serão explicados nas tabelas 1 e 2.

Tabela 1 – Escolaridade

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo
2º ano	35/168	20,8%	0.831
3º ano	5/172	2,9%	0.317
4º ano	5/176	2,8%	0.316
TOTAL	45/516	8,7%	

Input: 0.030

Significância: 0.000

Fonte: Pesquisa direta.

Como pode-se observar na tabela 1, os alunos do segundo ano do ensino fundamental reduziram o ditongo na escrita com certa frequência, registrando 20,8% e peso relativo de 0.831 dos casos. Os alunos dos 3º e 4º anos apresentaram menos essa redução, registrando 2,9% e peso relativo de 0.317 e 2,8% e peso relativo de 0.316, respectivamente. Nota-se que à medida que o nível de escolarização aumenta as ocorrências de monotongação do ditongo [ej] diminuem.

Na tabela 2, apresentam-se os resultados a partir do contexto fonológico posterior.

Tabela 2 – Contexto fonológico posterior

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo
A	3/233	1,3%	0.185
R	21/141	14,9%	0.787
X	3/48	6,2%	0.546
J	18/94	19,1%	0.834
TOTAL	45/516	8,7%	

Input: 0.030

Significância: 0.000

Fonte: Pesquisa direta.

Quanto a essa variável linguística, é notável que os alunos monotongaram com mais frequência as palavras cujo contexto fonológico posterior era de fricativa palatal sonora (feijão) e de tepe (cadeira). Os resultados mostram que a primeira resultou em 19,1% e peso relativo de 0.834. A segunda, que era tepe, teve percentagem de 14.9% e peso relativo de 0.787. Algumas das ocorrências mais comuns foram as palavras cad[ej]ra, chal[ej]ra e torn[ej]ra, transcritas como cad[e]ra, chal[e]ra e torn[e]ra.

Considerações finais

Após os resultados obtidos pela coleta de dados e a revisão teórica utilizada para fundamentar a pesquisa, as hipóteses levantadas para este estudo foram parcialmente confirmadas. Segundo estudos realizados por Hora (2013), este concluiu que a monotongação é mais frequente na escrita de alunos de escolas da rede pública do que na de alunos de escolas da rede privada de ensino, contudo este trabalho foi realizado apenas com alunos de duas escolas da rede pública de cidades distintas tomadas como variável.

Nos estudos de Santos, Santana e Dida (2013), que pesquisaram a monotongação dos ditongos /ow/ e /ej/, pôde-se aferir que o ditongo [ej] é aprendido mais rapidamente do que o ditongo [ow], e que o aumento da escolaridade diminui a ocorrência da monotongação. Os alunos do quarto ano, de ambos os estudos, reduziram menos o ditongo [ej].

Palavras com o contexto fonológico posterior de vogal, como em “sereia” e “meia”, por exemplo, receberam um número bem inferior de reduções do ditongo, diferentemente de palavras como “peixe”, “chaleira”, “cadeira” e “feijão”, que tiveram seus ditongos reduzido mais vezes. O contexto fonológico posterior e a escolaridade se mostraram relevantes para a ocorrência do fenômeno estudado. A escolaridade é



determinante nesse processo, pois à medida que avança a escolarização, nota-se a diminuição nos casos de monotongação na escrita.

Referências

ARAÚJO, Maria Francisca Ribeiro de. **A monotongação do ditongo decrescente [ei] no português caxiense.** Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/viewFile/8383/7204>>. Acesso em 02 Mar. 2016.

BITTENCOURT, Diana Liz Reis de. **A ‘monotongação’ na fala de informantes de Florianópolis do Projeto ALIB.** Disponível em: <http://educonse.com.br/2012/eixo_12/PDF/18.pdf>. Acesso em 02 Mar. 2016.

CALLOU, Dinnah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia.** 8. ed. Rio de Janeiro, 2001.

HORA, Dermeval da; AQUINO, Maria de Fátima S. **Da fala para a leitura: Análise Variacionista.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n3/a15v56n3.pdf>>. Acesso em 10 Maio 2016.

HORA, Dermeval da; HENRIQUE, Pedro Felipe de Lima. **Da fala à escrita: a monotongação de ditongos decrescentes na escrita de alunos do 3º ao 5º ano do ensino fundamental.** In: Letrônica, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 108-121, jan/jun 2013. Acesso em 31 Maio 2016.

JESUS, Agnaldo Almeida de; SANTOS, Cristiane dos; SANTOS, Moniza de Oliveira. **O processo de monotongação na fala dos estudantes universitários – UFS/Itabaiana: uma abordagem sociolinguística.** Disponível em: <http://200.17.141.110/pos/letras/enill/anais_eletronicos/2010/I_ENILL_AGNALDO_ALMEIDA.pdf>. Acesso em 02 Mar. 2016.

LAMPRECHT, Regina Ritter (Org.). **Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

----- **Metodologia do trabalho científico.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; **Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, 2008.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov.** Petrópolis: Vozes, 2000.



MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v.1, 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SANTOS, Evando Marcos dos; SANTANA, José Humberto dos Santos; DIDA, Kamilla Silva. **Diferença não é deficiência linguística: monotongação do português**. Disponível em: http://200.17.141.110/forumidentidades/VIforum/textos/Texto_VI_Forum_25.pdf< Acesso em: 28 Jun. 2016.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. **Para conhecer fonética e fonologia da língua portuguesa**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007.

TOLEDO, Eduardo Elisalde. **A monotongação do ditongo oral decrescente [ej] em Porto Alegre**. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/viewFile/24901/pdf>>. Acesso em: 02 Mar. 2016.

SILVA, Rita do Carmo Polli da. **A sociolinguística e a língua materna**. Curitiba: InterSaberes, 2013.

Apêndices

Apêndice A

Dissílabas	
Palavra	Contexto fonológico posterior
Teia	Vogal
Meia	Vogal
Ceia	Vogal
Feijão	Fricativa palatal sonora
Peixe	Fricativa palatal surda
Queijo	Fricativa palatal sonora

Trissílabas	
Palavra	Contexto fonológico anterior
Cadeira	Vogal
Sereia	Vogal
Baleia	Vogal
Cadeira	Tepe
Chaleira	Tepe
Torneira	Tepe

Apêndice B

1. Variável dependente	
0 – Redução do ditongo	“cadera”
1 – Manutenção do ditongo	“cadeira”
2. Sexo	
M – Masculino	
F – Feminino	
3. Cidade de Residência	
N- Novo Hamburgo	
E- Estância Velha	
4. Escolaridade	
2 – Segundo ano	
3 – Terceiro ano	



4 – Quarto ano	
5. Contexto fonológico seguinte	
A – Vogal	“sereia”
X – Fricativa palatal surda	“peixe”
J – Fricativa palatal sonoral	“feijão”
R – Tepe	“chaleira”
6. Número de sílabas	
D – Dissílaba	“peixe”
T – Trissílaba	“torneira”

Apêndice C

Informantes	Número de acertos	Total de palavras	Percentual de acertos
A	5	22	22,7%
B	8	22	36,4%
C	2	22	9,1%
D	1	22	4,5%
E	5	22	22,7%
F	5	17	29,4%
G	6	22	27,3%
H	3	19	15,8%
I	1	22	4,5%
J	1	20	5%
K	0	21	0%
L	0	22	0%
M	1	22	4,5%
N	1	22	4,5%
O	0	22	0%
P	1	21	4,8%
Q	0	22	0%
R	1	22	4,5%
S	1	22	4,5%
T	2	22	9,1%
U	1	23	4,3%
V	0	21	0%
W	0	22	0%
X	0	22	0%

Recebido Para Publicação em 30 de novembro de 2016.

Aprovado Para Publicação em 29 de maio de 2017.